

ANDRÉ CUNHA

# QUEM FALOU?

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2023

# 1.

Essa é uma história de amor.

Seria bem mais legal, admito, se as peripécias doravante narradas girassem em torno de temáticas profissionais e existenciais de emancipado cunho sociológico e atilada percepção política. Quem dera meus objetivos fossem outros: deflagrar uma revolução, revelar uma conspiração, vingar um inocente ou problematizar os meandros de uma questão social dramática.

É com incomensurável constrangimento, portanto, que lamento informar que os principais eventos narrativos e conflitos dramáticos que compõem esse relato tematizam e agenciam sobretudo homens, relacionamentos, separações, partidas, paixões e recomeços. Meu objetivo é um só: amar e ser amada, pois a isso se resume a vida. Padrão comédia romântica. Ai, que vergonha.

Me chamo Rebeca, trinta anos recém completados, natural de Floripa, jornalista desempregada, estou prestes a terminar uma relação fracassada e tenho endometriose. Antes que largue o livro de lado pensando que poucos assuntos são mais desinteressantes, pense que a inflamação do endométrio, a camada que reveste o útero e cuja função é proteger o óvulo, pode ser uma experiência tão enlouquecedora que eu poderia perfeitamente ter falado que sou louca.

A loucura, portanto, tema, esse sim, digno de grandes artistas e força motora de tantas e tão inesquecíveis obras de arte. E, embora seja mortificante reiterar o preconceito segundo o qual certas mulheres são tão sujeitas a flutuações emocionais, desequilíbrios hormonais e apetites carnis que não hesitam em apontar as vicissitudes do ciclo menstrual como um aspecto definidor de suas personalidades, esse também é um relato passional sobre o desejo, o sofrimento e a morte.

Deve ter a ver com instinto materno. No afã de resguardar o óvulo, o útero mostra as suas garras - e se blindava. O endométrio é como um escudo, uma concha, um paredão de veias e, na boa, quando incha só digo uma coisa: *dói para o caralho*. Daí a pouco chega-se ao clímax do sofrimento. É dor para acabar com o sertão de Goiás: cólicas uterinas, inchaço, inflamação, estresse, dores pélvicas crônicas, enjoos e enxaquecas. O cérebro dispara um calhau de hormônios como estrógeno e progesterona na corrente sanguínea. A essa altura fico com a sensibilidade tão aguçada, tão à flor da pele, que, como diria Zeca Baleiro, qualquer beijo de novela me faz chorar.

O fato é que estou namorando um e grávida de outro, problema espinhoso que requer solução no curto prazo. Que

clichê, tu deve estar pensando, que escandalozinho manjado, que babado novelesco mais batido. Me julguem. Quero acreditar que apesar das complexidades da vida adulta, dos descaminhos do coração e dos mistérios da sexualidade, lá no fundo, em algum lugar, Deus está vendo, tenho um bom coração, nunca quis machucar ninguém, não muito.

Planejei por alto a abordagem. Não pretendo me fazer de vítima, tampouco sair como vilã da história. Sem dramas. Só mais um romance pandêmico frustrado, coisa normal nesse cotidiano cada vez mais louco, tipo *Pedi o divórcio e foi ao cinema*, algo casual, acontece toda hora. Mas não consigo deixar de refletir que vou largar mão de um cara muito rico, que, como diz o tio Geraldo de Chapecó, enricou na barriga grande, para – talvez! – ficar com um motorista de uber, fichado em dois estados por clonagem de carro e receptação de carga roubada, sócia do Marcos Palmeira. Rindo de nervoso.

Sim, posso estar na iminência de cometer um grande erro. Não que precise de homem para me sustentar, eu trabalho, não tenho trabalhado muito em função de uns problemas aí sobre os quais talvez fale mais tarde, o ponto central, tento me convencer, sem sucesso, é que a gestação é recente, dá tempo de fazer um aborto. Me dirijo ao escritório de Alex Lopes, pois é esse o nome dele, e bato na porta.

“Pode entrar.”

Entro.

“Espera só um pouquinho enquanto eu termino esse e-mail” ele diz, sentado numa cadeira estofada ergonômica, giratória, com rodinhas, reclinável, apoio para a lombar, função relax e regulagem de inclinação, pilotando o seu Mac

cheio de metadados no qual negocia a venda de milhões de toneladas de insumos médicos e laboratoriais. Mesmo em home-office, como sempre, de calça social, camisa para dentro e sapatênis, estilo empreendedor. “Pronto.” Ele tira os óculos, recosta-se na cadeira e me olha de um jeito intrigado, como se eu fosse um animal exótico, uma criminosa ou uma celebridade. É possível constatar também um tantinho de repulsa, como se tivesse comido alguma comida estragada. Decepção, com certeza. Apesar do sorriso irônico, transparece contrariedade. Se decepcionou comigo, se frustrou, se deu mal, o investimento não vingou. Perdeu não porque seja mau jogador, mas porque saiu com as cartas erradas.

Eu, no caso. Meu relacionamento anterior não deu certo, esse também não, estou me jogando em outra furada, com agravantes ainda por cima. Traí na cara dura. Vou dispensar um cara bem-sucedido, mas por quem não sinto a menor atração. Não espanta que esteja frustrado. Eu também estaria.

Até pouco tempo atrás, o cenário era outro: por mais merda que a relação estivesse, ele topava ir levando, pois não costuma desistir dos seus planos e sonhos. Leu Bauman, critica a modernidade líquida, não acha legal descartar as pessoas quando não são mais convenientes. Tem qualidades, admito, mas tenho sentido franca repelência por ele sem qualquer motivo, sua presença cada vez mais me incomoda. Estou apaixonada por outra pessoa.

“Eu... queria falar uma coisa.”

“Eu sei. Só um segundo.” Ele volta a atenção para a tela, realiza um comando no teclado, manipula por alguns segundos o telefone e grava uma mensagem de áudio: “e aí,

tchô! Sim, o cara da Cosco Shipping confirmou, já passou pelo jurídico. Até que o inglês dele é aceitável. Quatrocentos mil kits de testes rápidos Celex, antígeno Swab, QSARS – Cov2, IgG/IgM zarpando hoje às 15 horas, horário local, do porto de Xangai em direção a Roterdã, Holanda.” Ato contínuo abre uma caixinha de tic-tac, joga um na boca e oferece: “quer?”

“Não, obrigado” digo, embora queira. Estou com a boca seca.

“Pode falar.”

“Eu...” Tenho um súbito acesso de tosse. Enfim aceito um tic-tac e um copo d’água.

“Tu quer terminar a relação.”

Isso não estava planejado.

“Eu...” e penso que quanto menos falar, melhor, para não me comprometer. Talvez deva sair correndo. Fugir. Voar, voar, subir, subir! Desaparecer.

“Eu também quero” crava, com a expressão de repente séria e concentrada. Que não dura muito, pois volta a sorrir. Está se divertindo com a minha saia-justa. De certo contratou um detetive particular que tirou fotos e gravou vídeos comprometedores. “Na primeira vez que a gente conversou, tu falou que alguém falou que o melhor elogio que se pode fazer a uma pessoa é que ela tem uma mente perigosa... lembra?”

“Lembro...”

Sou tragada então pela lembrança do dia em que o conheci no baile do Presidente do P12 em Jurerê Internacional, a Miami Beach brasileira, bairro nobre onde não faltam beach-clubs badalados, carrões importados e mansões exuberantes, o mesmíssimo dia em que olhei para minha relação anterior

e falei: *acabou*. Haverá um padrão aí? Pulando de um homem para o outro, como um macaco de galho em galho?

Antes não tivesse ido. Fui por insistência da Diana Fraga, amiga baladeira e mestra em me levar para os rolês errados. Nem bem tinha chegado, ainda no hall de entrada, em meio a toda aquela gente jovem, rica e descolada, mulheres de shortinho empunhando paus de selfie e registrando poses e sorrisos, fortões de regata, bermudão, chinelo e chapéu panamá, via a cena: o Raul Jordão, pois é esse o nome dele, meu ex, flertando descaradamente com a Carol Dantas, tentando a guria, inclinado na direção dela, falando e gesticulando em acintoso flerte, numa linguagem corporal que dizia quero-te-comer-agora!, chegando a botar a mão do quadril dela, sim, na mão grande. Ninguém me contou, eu vi.

Vi de relance, questão de segundos, mas me arrebatou de tal forma que fiquei meio temperamental demais, para dizer o mínimo. Morrendo de vontade de chorar, fiz que não vi, me desvencilhei da Diana sob a alegação de que recebera um telefonema, caminhei pelo tablado de madeira, driblei com perícia sofás e espreguiçadeiras de vime dispostos em volta da piscina cheia de curvas e reentrâncias, contornei as mesas sobre cujas superfícies pululavam baldes de gelo, garrafas de uísque e long-necks de heineken, quase colidi contra uma imensa bola de plástico publicitária que rolava na pista de dança, descii uma rampa de grama rasteira, passei por um caminho forrado de folhas e gravetos e me prostrei defronte ao mar, ouvindo o estrondo das ondas e olhando o reflexo da abóboda estrelada.

Daí a pouco, enquanto rajadas do vento sul arrastavam partículas de areia pela praia, vi uma lancha tocando música eletrônica deslizar ao longe e um pensamento monomaniaco invadiu minha cabeça: *acabou*. Acabou para sempre.

Na verdade, pensei outras coisas, tipo: é impressionante como homens são infantis, é fato científico que o desenvolvimento emocional deles é precarizado<sup>1</sup>. Aquele cidadão, por exemplo, com quem encetei uma relação de natureza conjugal por alguns anos... quantos? Cinco? Seis? Aquele último ano, que parto! Idas e vindas, carência, ciúmes, brigas, o combo completo, resultando no que dir-se-ia uma gambiarra emocional prestes a entrar em curto circuito, com direito a mesóclise. Capaz que aquela história tinha algum futuro.

Para piorar, teve essa: rompimento definitivo, lágrimas por todos os lados, como cantou Jim Morrison *this is the end*. Um belo dia, meses depois, nos encontramos como duas pessoas adultas e civilizadas para tomar um café, afinal compartilhávamos uma história e respeitávamos um ao outro, ocorre que da cafeteria nos dirigimos ao apartamento dele, onde rolou um sexo animalesco. Tomei tanto tapa que fiquei descompensada.

Aí ele foi treinar na Califórnia por uns tempos, período durante o qual nos relacionamos na modalidade relações líquidas, aquela coisa mal explicada, pode ser que sim mas a princípio não, nada muito claro, tudo subentendido. Sem esperança de ser amada, resolvi esquecê-lo, mas minha resolução foi abalada pelo recebimento de um e-mail no qual o serzinho dava a entender, lançando mão de artimanhas literárias desonestas e metáforas de qualidade duvidosa, que eu era a mulher da vida dele, aquela por quem sempre esperara



*E-mail: [andreluizrenato@yahoo.com.br](mailto:andreluizrenato@yahoo.com.br)*



LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Dante MT pela  
Editora Penalux e impresso em papel off-  
white 80 g/m<sup>2</sup>, em outubro de 2023.

---